

PROSA LITERÁRIA EM FACE DA POESIA NA ANTIGUIDADE: INTERLOCUÇÕES DE LUCIANO COM O DIÁLOGO PLATÔNICO

LITERARY PROSE IN FACE OF POETRY IN ANTIQUITY: INTERLOCUTIONS BETWEEN LUCIAN AND THE PLATONIC DIALOGUE

Pedro Ipiranga Júnior¹

Resumo: *Este trabalho se propõe verificar modos de referenciar a prosa na Antiguidade estimada por seu valor artístico e literário em comparação com a poesia. Avaliam-se, inicialmente, as considerações em alguns textos de Luciano de Samósata (especialmente a obra Nigrino) que, de certa forma, versam sobre a poética e sobre os efeitos da prosa escrita. A partir das críticas de Luciano e do cotejo com algumas citações de obras de Isócrates (Sobre a Troca e A Nicocles), pretende-se analisar várias passagens da República de Platão, especialmente dos livros II e III, no intuito de discernir um tratamento sistemático dado à prosa face ao discurso poético.*

Palavras-chave: prosa na Antiguidade; Luciano de Samósata; Platão; República

Abstract: *This study aims to determine ways to reference the prose in Antiquity evaluated for their artistic and literary value in comparison with poetry. We will evaluate initially considerations in some texts from Lucian of Samosate (especially Nigrinus) that somehow deal with the poetic and the effects of writing prose. From the criticism of Luciano and comparison with some quotes from works of Isocrates (Antidosis and To Nicocles), we intend to analyze several passages of the Plato's Republic, especially Books II and III, in order to discern a systematic treatment of the prose compared to the poetic discourse.*

Keywords: prose in Antiquity; Lucian of Samosate; Plato; Republic

Π τοῖς διδασκάλοις εἶ πράττειν²

Tanto Platão quanto Aristóteles constroem discursos sobre a poesia de sua época, mormente épica e dramática, ou seja, embora mais

1 Doutor em Literaturas Clássicas pela UFMG. Professor na UFPR.

2 Carta dirigida aos meus primeiros mestres de grego: Eleazar Magalhães Teixeira e Jacyntho José Lins Brandão.

sistemática e delimitadamente no caso aristotélico, referendam certos padrões de composição, avaliação e classificação num esforço teórico e analítico de constituição de uma poética na Antiguidade. Não obstante, relativamente a uma crítica ou teoria concernente à prosa, a situação é bem diferente: Aristóteles, por um lado, num único passo da *Poética*, indica a possibilidade de classificação de uma prosa mimética, a exemplo dos diálogos socráticos, entre os quais deveriam estar incluídos os diálogos de Platão e Xenofonte, como também de Antístenes e Ésquines (Cf. ERLER, 2012, p. 71). Esse tipo de prosa, segundo a perspectiva aristotélica, juntamente com espécies outras de poemas, ainda que igualmente miméticos, restariam, por assim dizer, não qualificáveis e configurariam um tipo de narrativa ainda anônima para a época, pelo que se pode auferir da referida passagem:

Todavia, a [arte] que imita [refigura/simula] apenas **com palavras em prosa ou em verso**, podendo misturar-se diferentes metros ou usar um único, chegou até nós sem nome. Realmente não temos nenhum termo comum para designar os mimos de Sófron e Xenarco e **os diálogos socráticos** (...). ἡ δὲ [ἐποποιία]μόνον **τοῖς λόγοις ψιλοῖς** <καὶ> ἡ **τοῖς μέτροις** καὶ τούτοις εἶτε μιγνῦσα μετ' ἀλλήλων εἴθ' ἐνί τινι γένοι χρωμένη τῶν μέτρων ἀνώνυμοι τυγχάνουσι μέχρι τοῦ νῦν· οὐδὲν γὰρ ἂν ἔχοιμεν ὀνομάσαι κοινὸν τοῦ Σώφρονος καὶ Ξενάρχου μίμους καὶ **τοὺς Σωκρατικούς λόγους** (ARISTÓTELES, *Poética*, I, 1447a-b).³

Por outro lado, Platão bem como Isócrates (e Xenofonte de modo mais restrito) buscaram direta ou indiretamente comparar suas obras, seu tipo de composição, sua forma de estruturar o discurso assim como a finalidade e os efeitos pretendidos em relação aos poemas e ao discurso poético. Isócrates, nesse sentido, é mais explícito do que Platão em definir e classificar seus escritos, sob a ótica de parâmetros, a princípio, estéticos (e éticos sob outros aspectos), similares, correlatos ou mesmo superiores às obras dos poetas. De uma forma ou de outra, há sempre a indicação de substituição e de aprimoramento pela sugestão ao leitor ou ouvinte para trocar, em vista de maior proveito, a poesia por uma espécie de prosa a ela correlata, tendo por fundamentação diferentes tipos de parâmetros, quer de composição, quer de avaliação estética e ética, quer por seus efeitos.

Em vista de retomar passagens especificamente na *República* de Platão (paralelamente a alguns passos em Isócrates) em que se estabelecem, de

3 Tradução de Ana Maria Valente, edição portuguesa. Cf. BELO, 1994, p. 40-41. Cf. ARISTÓTELES, *Retórica*, 1417a21-22.

forma direta ou indireta, em maior ou menor medida, as correlações entre prosa e poesia, farei referência inicialmente a algumas obras de Luciano que mantêm uma interlocução com os diálogos platônicos delimitando o estatuto da poesia e da prosa consoante o discurso filosófico, o qual é utilizado como termo avaliativo e definidor. Não pretendo aqui buscar uma intertextualidade explícita de Luciano em relação ao diálogo platônico⁴. Em vez disso, procuro, a partir de alguns textos de Luciano e também de Isócrates, verificar a delimitação e o emprego de critérios e parâmetros que poderiam nortear uma certa teorização na Antiguidade sobre uma prosa, por assim dizer, literária, nesse caso, cujo estatuto determinante seria a explicitação de sua relação com o discurso poético. Começo, nesse intuito, com uma carta de Luciano dirigida a um filósofo:

Luciano a Nigrino, passar bem [Λουκιανὸς Νιγρίνῳ εὖ πράττειν.]O provérbio, “Uma Coruja para Atenas”, mostra que seria ridículo se alguém enviasse corujas para lá, uma vez que elas são numerosas no lugar. Se eu, no caso, pela razão de querer exibir **minha habilidade no discurso, escrevesse um livro** e o enviasse em seguida a Nigrino, iria me expor ao ridículo como se de verdade importasse corujas. Porém, já que apenas desejo expressar a você a minha forma de pensar [γνώμην], tal como a manifesto agora e porque fui cativado pelas suas palavras não de modo superficial, eu evitaria razoavelmente o princípio de Tucídides, o qual declara que enquanto a ignorância gera audácia, o fato de muito se refletir torna os homens hesitantes. De fato, é evidente que não só a minha ignorância é causa de tal ousadia, mas também **o meu amor pelos discursos**. Força e saúde!

Ἡ μὲν παροιμία φησὶν, Γλαῦκα εἰς Ἀθήνας, ὡς γελοῖον ὄν εἶ τις ἐκεῖ κομίζει γλαῦκας, ὅτι πολλαὶ παρ’ αὐτοῖς εἰσιν. ἐγὼ δ’ εἰ μὲν **δύναμιν λόγων** ἐπιδείξασθαι βουλόμενος ἔπειτα Νιγρίνῳ **γράψας βιβλίον** ἔπεμπον, εἰχόμεν ἂν τῷ γελοίῳ γλαῦκας ὡς ἀληθῶς ἐμπορευόμενος· ἐπεὶ δὲ μόνην σοι δηλῶσαι τὴν ἐμὴν γνώμην ἐθέλω, ὅπως τε νῦν ἔχω καὶ ὅτι μὴ παρέργως εἴλημαι πρὸς τῶν σῶν λόγων, ἀποφεύγοιμ’ ἂν εἰκότως καὶ τὸ τοῦ Θουκυδίδου λέγοντος ὅτι ἡ ἀμαθία μὲν θράσος, κνηροῦς δὲ τὸ λελογισμένον ἀπεργάζεται· δηλον γὰρ ὡς οὐχ ἡ ἀμαθία μοι μόνη τῆς τοιαύτης τόλμης, ἀλλὰ καὶ **ὁ πρὸς τοὺς λόγους ἔρωσ** αἴτιος.⁵ Εἰρωσο (Luciano, *Carta a Nigrino*)⁵.

4 Para intertextualidade em Luciano, cf. BRANDÃO, 2001; BRANHAM, 1989; JONES, 1986.

5 Tradução feita em conjunto por Cassiana Lopez Stephan, Priscila Caroline Buse e por mim, publicada no livro organizado pelo professor Jacyntho Lins Brandão: *Biografia literária / Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

A carta, de forma direta, alude ao contexto de discussão do *Fedro*, aqui estando vinculados os temas do amor e do poder do discurso. O modo de apropriação narrativa, no entanto, é o inverso, o que se confirma no diálogo *Nigrino*, tomado como sequência, conteúdo ou como complemento da carta. Assim, não é da perspectiva do mestre (como elaborado por Platão ao tomar a figura de Sócrates como personagem condutor do diálogo), mas da perspectiva do discípulo que a narrativa é configurada. A voz narrativa é denominada sob a assinatura de Luciano, o que empresta à obra um tom testemunhal e (auto-)biográfico, na linha de uma narrativa de si ou sobre si. Faz-se questão de frisar que não tratará a matéria a partir de uma argumentação estritamente filosófica ou de um tema filosófico como o poder do discurso, mas da relação que o interlocutor-narrador compartilha com os discursos de Nigrino, um genuíno filósofo. Daí, é possível retirar, a título inicial, os seguintes aspectos: 1) trata-se de uma relação estabelecida com o discurso filosófico; 2) como fica explicitado no diálogo *Nigrino*, esta relação se baseia na adoção de princípios morais que sejam corroborados por um modo de vida; 3) enfatizam-se os efeitos provocados pelo discurso filosófico, o que demanda necessariamente uma conversão; 4) há, mormente no *Nigrino*, uma crítica social e várias injunções à esfera política da época; 5) a expressão “amor pelo discursos” revela-se posteriormente como um elo de relação entre poesia, diálogo filosófico e prosa luciânica.

No *Nigrino*, acontece o diálogo entre dois amigos, em que um conta sua experiência junto ao filósofo Nigrino, que reside em Roma, e a conversão por que passou após esse contato. Grande parte da obra evoca o contexto argumentativo da *República*, em função de que, no *Nigrino*, a configuração de uma Atenas idealizada é comparada e contrastada com uma Roma degenerada e inflada de todos os vícios⁶. O que interessa nesse trabalho investigar, é melhor evidenciado no prólogo da obra, que diz respeito ao diálogo inicial entre os dois amigos. Segunda a classificação platônica que aparece na *República*⁷, essa obra de Luciano seria uma narrativa puramente mimética, a princípio, sem mistura, pois não há a figura de um narrador

6 Para o tratamento do aspecto social e político, cf. BRANDÃO, 1992, p. 379-412; JONES, 1986; PERETTI, 1946.

7 No Livro 3 da *República* (392d-393d), o personagem Sócrates enuncia três modos de fazer a narrativa: por meio de simples narrativa, ou seja, sem intervenção de falas de personagens, a exemplo do ditirambo; por meio apenas da *mímesis*, a narrativa mimética, enquanto representação das ações de personagens, como acontece na tragédia e na comédia; por meio de ambas, o que viria a ser uma narrativa mista, que é o caso da épica, que se inicia com um narrador, mas que cede espaço para as falas dos personagens em discurso direto.

inicial, ainda que seja precedido da carta. Na verdade, é para esse aspecto de impersonificação dramática ligada à *mimesis* que Luciano parece querer chamar a atenção no passo seguinte:

Temo, sendo assim, que ao representar de forma ridícula essas coisas eu pareça ser desse jeito [como um ator medíocre] para você, caso eu as pronuncie desordenadamente e algumas vezes, por causa da minha incapacidade, destrua o sentido (de tais coisas), impulsionando-o, desse modo, a condenar gradualmente **a peça**. Quanto a mim, não me preocupo muito {isto é, de parecer ridículo}, porém, muito me afligirei se o enredo da obra, por minha causa, malograr e e ficar desfigurado. Sendo assim, lembre disso durante todo o meu discurso, de que **o poeta**, a nosso ver, não é responsável por esses erros e, sentado em algum lugar longe **da cena**, em nada se ocupa com o que ocorre **no teatro**. Porém, para você me submeto à prova a fim de mostrar que tipo de **ator sou em relação à memória**, eu de resto em nada diferindo de um **mensageiro trágico**.

Δέδοικα μή σοι μεταξύ δόξω γελοιῶς αὐτὰ μιμεῖσθαι, τὰ μὲν ἀτάκτως συνείρων, ἐνίοτε δὲ καὶ αὐτὸν ὑπ' ἀσθενείας τὸν νοῦν διαφθείρων, κατὰ προαχθῆς ἡρέμα καὶ αὐτοῦ καταγῶναι τοῦ δράματος. καὶ τὸ μὲν ἐμόν, οὐ πάνυ ἄχθομαι, ἢ δὲ ὑπόθεσις οὐ μετρίως με λυπήσειν ἔοικε συνεκπίπτουσα καὶ τὸ ἐμόν μέρος ἀσχημονούσα. IX. τοῦτ' οὖν παρ' ὅλον μέμνησό μοι τὸν λόγον, ὡς ὁ μὲν ποιητῆς ἡμῖν τῶν τοιούτων ἀμαρτημάτων ἀνεύθυνος καὶ τῆς σκηνῆς πόρρω ποι κάθηται, οὐδὲν αὐτῷ μέλον τῶν ἐν θεάτρῳ πραγμάτων. ἐγὼ δ' ἑμαυτοῦ σοι πείραν παρέχω, ὁποῖός τις εἴμι τὴν μνήμην ὑποκριτῆς, οὐδὲν ἀγγέλου τὰ ἄλλα τραγικοῦ διαφέρων. (Luciano, *Nigrino*, 7)

O interlocutor, alvo da conversão, se define como um ator que interpreta um texto cujo autor seria Nigrino. Nigrino é chamado de filósofo platônico, mas seu modo de vida e suas atitudes se revelam como próprios do cinismo. Ele, de toda forma, parece ser empregado como índice referencial ao discurso filosófico e, mais especificamente, ao diálogo platônico. Este se torna, assim, alvo da atividade mimética luciânica que, igualmente, através do diálogo chama a atenção para os efeitos da prosa filosófica. Em outras obras de Luciano, o discurso filosófico é aludido de forma mais contundente e direta, como em *Leilão de Vidas* e *o Pescador*, sendo que o diálogo aparece personalizado em *Dupla Acusação*. Em *Tu és um Prometeu*,

o narrador explica que criou um gênero novo e híbrido, ao unir o diálogo filosófico e a comédia, perdendo o primeiro sua antiga gravidade. Eis um trecho dessa configuração ensejada:

Temi que minha obra fosse como um camelo (negro) entre os egípcios, e os homens admirassem apenas os bridões (cravejados de pedras) e o adorno púrpura (do animal), uma vez que conjugar ambas as belíssimas obras, **o diálogo e a comédia**, não basta para uma boa configuração estética, se a mistura não ocorre de modo harmônico e simétrico.

Δέδοικα δὲ μὴ καὶ τοῦμόν κάμηλος ἐν Αἰγυπτίοις ἢ, οἱ δὲ ἄνθρωποι τὸν χαλινὸν ἔτι αὐτῆς θαυμάζωσι καὶ τὴν ἀλουργίδα, ἐπεὶ οὐδὲ τὸ ἐκ δυοῖν τοῖν καλλίστοις συγκεῖσθαι, **διαλόγου καὶ κωμωδίας**, οὐδὲ τοῦτο ἀπόχρη εἰς εὐμορφίαν, εἰ μὴ καὶ ἡ μῖξις ἐναρμόνιος καὶ κατὰ τὸ σύμμετρον γίγνεται (Luciano, *Tu és um prometeu*, 5).

E é nessa acepção de diálogo cômico que Luciano relê e reescreve o diálogo platônico, tomado por ele como uma espécie de diálogo trágico, pois que nomeia a obra (com referência ao discurso) de Nigrino como um drama trágico. Por conseguinte, tudo o que é narrado e que diz respeito à adoção de um novo modo de vida coerente e concernente aos princípios éticos da filosofia adotada se ressentido do caráter da representação por que é enquadrado na narrativa. Em vista dos efeitos a que é submetido todo aquele que sofre da conversão filosófica e da extrema dramaticidade de que se reveste a representação da aquiescência e da manutenção dos princípios filosóficos, a prosa platônica não deixa de ser correlata à poesia trágica, justamente nos aspectos que anteriormente a criticara.

Segundo essa perspectiva luciânica, os efeitos da conversão filosófica são os mesmos da poesia: uma espécie de afecção, um *páthos* que ocorre sob o efeito do discurso:

Ele, ó meu amigo, uma vez que começou a falar sobre tais questões e a **expor** sua forma de pensar, derramou sobre mim em discursos tamanha quantidade de ambrosia, tal que tanto as famosas sereias, se é que existiram, quanto os rouxinóis e o lótus de **Homero** pareciam antiquados: assim divino se pronunciou. [Ὁ δὲ ἀπαρξάμενος, ὡ ἐταῖρε, περὶ τούτων λέγειν καὶ τὴν ἑαυτοῦ γνώμην **διηγείσθαι** τοσαύτην τινὰ μου λόγων ἀμβροσίαν κατεσκεδάσεν, ὥστε καὶ τὰς Σειρῆνας ἐκεῖνας, εἴ τινες ἄρα ἐγένοντο, καὶ τὰς ἀηδόνας καὶ τὸν **Ὀμήρου** λωτὸν ἀρχαῖον ἀποδείξει] (Luciano, *Nigrino*, 3).

Estes aspectos, a partir da obra luciânica, seriam os parâmetros para a constituição de uma prosa correlata à poesia: 1) a relação com o discurso filosófico privilegia uma tematização moral e concernente à política; 2) os efeitos do discurso se mostram como elos de comparação entre prosa e poesia; 3) a dramatização discursiva, embora diferenciada, é parâmetro primordial na estruturação de obras em poesia e em prosa; 4) a prosa se revela como comentário hermenêutico e argumentação teórica e crítica, indicando não apenas uma poética, mas também o que podemos chamar de prosaística; 5) se há de fato uma espécie de prosaística, existe também o que chamo de chaves ou imagens mnemônicas, a saber, imagens ou metáforas que simbolizam ou são representadas por temas muitas vezes vinculados, quais sejam, amor, *paideia*, discurso poético, prazer e auto-domínio.

A princípio, gostaria de esclarecer que o propósito desse trabalho visa simplesmente expor e comentar passagens em que se faça uma mínima correlação entre prosa e poesia a fim de daí tirar alguns questionamentos e conclusões a título provisório. Com essa finalidade, comento a partir de agora a *República* de Platão. Cito, inicialmente, um passo importantíssimo em 392d:

“(...) por ventura tudo quanto é dito por **contadores de histórias** (*mythológon*) ou **poetas** (*poietôn*) não é **diegese** (*diégesis*) sobre coisas que foram, são ou serão (*è gegonónton è ónton è mellónton*)?”

“Tudo quanto é referido por **narradores de fábulas e por poetas** não é **narração** de fatos passados, presentes e futuros?⁸ ἄρ' οὐ πάντα ὅσα ὑπὸ **μυθολόγων ἢ ποιητῶν** λέγεται **διήγησις** οὐσα τυγχάνει ἢ γεγονότων ἢ ὄντων ἢ μελλόντων; (Platão, *República*, III, 392d)

Para esse que é um passo fundamental do livro III, as duas traduções utilizadas são de Jacyntho Lins Brandão e de Eleazar Magalhães Teixeira. Parto das questões aventadas por Brandão em artigo sobre a questão: este declara que o ponto de partida da teoria literária em Platão estaria firmemente estabelecido nesta concepção de diegese. Brandão, embora não diminua o papel da *mimesis* na reflexão platônica, advoga a tese de que a teoria literária na Grécia teria se iniciado com Platão a partir de uma teorização sobre uma concepção de narrativa, *diégesis*. Para ele, o centramento da categoria da *mimesis* viria a partir da *Poética* aristotélica e aí residiria sua maior diferença com a perspectiva platônica. Em vista disso, ele faz um levantamento

8 Tradução 1 de Jacyntho Lins Brandão (2010, p. 3); tradução 2 de Eleazar Magalhães Teixeira (2009, p. 82).

analítico comentando os sentidos de *diegeîsthai* no campo textual anterior e coevo de Platão, com o intuito de perceber o que circundava o conceito empregado por Platão, a partir de que houve uma especialização do termo, aparecendo o sentido técnico de *diégesis* (Cf. BRANDÃO, 2010, p. 32-54).

Ele chega à conclusão de que o verbo *diegeîsthai*, longe de se restringir à aceção de narrar fatos do passado, engloba também as ações de contar, expor, relatar, descrever, enumerar, verbos utilizados transitivamente com vários tipos de objetos e mesmo intransitivamente, além de veicular nuances de sentido quanto ao modo, por exemplo: expor em detalhes, com exatidão e, em certos caso, com a devida atenção à temporalidade do que é relatado. O termo em português que melhor abarcaria o conjunto dessas aceções seria, segundo ele, o de discorrer, em que ademais está presente uma noção de movimento no sentido de quem percorre pelo discurso de um ponto a outro, do começo ao fim. Segundo ele, da mesma forma que a concepção de *pseudos* definiria a “literatura como ficção” pelo ponto de vista do discurso, da perspectiva da dicção (*léxis*) ela se definiria como diegética.

Não obstante, tendo assente que Platão tenha por base uma teoria diegética sobre os gêneros, gostaria de chamar a atenção para o fato de haver uma remessa à tensão entre discursos em prosa e em verso no próprio texto platônico, uma ideia que o professor Jacyntho já havia me sugerido, porém não a desenvolveu nesse trabalho que comento. Ele conclui que a diegese poética é auto-referenciada, ou seja, que ela se fecha em si mesma e tira de si mesma seu valor, o que a distinguiria dos outros tipos de discurso. No entanto, as várias passagens da *República* que mencionarei correlacionam a diegese da poesia com aquela dos vários discursos em prosa, havendo, é claro, por parte de Platão, sempre um propósito de correção e transvaloração com base em princípios éticos, políticos e gnosiológicos.

No passo citado acima, por exemplo, os poetas são correlacionados a uma categoria de prosadores ou contadores de *mythoi*, histórias fabulosas, na aceção em que aparece o termo segundo o contexto discursivo dos livros II e III da *República*. Então, sob certo aspecto, estão colocados no mesmo nível *poietai* e *mytholôgoi*, poetas e afabuladores, contadores de narrativas em verso e em prosa. A fim de ver com mais precisão e detalhe, cito o passo em que no início do livro II se explicita essa noção de *mythologein*:

E a liberdade de que falo seria tanto maior se lhes acontecesse aquele poder que **dizem** (*phasin*) ter acontecido um dia a Giges, o antepassado do Lídio. Ora, tendo sobrevindo uma grande tempestade e um abalo sísmico, rasgou-se em parte a terra e abriu-se uma fenda no local em que ele apascentava.

E, tendo observado e admirado isso, desceu e viu, entre outras **maravilhas** que então **contam [de forma afabuladora]** (*mythologôusin thaumastá*), um cavalo de bronze, oco, munido de portinholas, sobre as quais se debruçando, viu dentro um cadáver, ao que parece, maior do que um homem natural. Este não tinha outra coisa senão um anel de ouro na mão, e, o tendo subtraído, subiu.

εἶη δ' ἂν ἡ ἐξουσία ἦν λέγω τοιάδε μάλιστα, εἰ αὐτοῖς γένοιτο οἷαν ποτέ **φασιν** δύναμιν τῷ [Γύγου] τοῦ Λυδοῦ προγόνῳ γενέσθαι. εἶναι μὲν γὰρ αὐτὸν ποιμένα θητεύοντα παρὰ τῷ τότε Λυδίας ἄρχοντι, ὄμβρου δὲ πολλοῦ γενομένου καὶ σεισμοῦ ῥαγῆναι τι τῆς γῆς καὶ γενέσθαι χάσμα κατὰ τὸν τόπον ἢ ἔνεμεν.ιδόντα δὲ καὶ θαυμάσαντα καταβῆναι καὶ ἰδεῖν ἄλλα τε δὴ ἃ **μυθολογοῦσιν θαυμαστά** καὶ ἵππον χαλκοῦν, κοῖλον, θυρίδας ἔχοντα, καθ' ἃς ἐγκύψαντα ἰδεῖν ἐνόητα νεκρόν, ὡς φαίνεσθαι μείζω ἢ κατ' ἄνθρωπον, τοῦτον δὲ ἄλλο μὲν οὐδέν, περι δὲ τῇ χειρὶ χρυσοῦν δακτύλιον ὄν<τα> περιελόμενον ἐκβῆναι (Platão, *República*, II, 359c-d).⁹

O verbo utilizado aqui é o *phemí*, no entanto, seu campo semântico diz respeito a uma das acepções características do *diegeisthai* auferidas por Brandão no trabalho citado, a saber, relatar numa certa ordem e com certos detalhes acontecimentos de que se ouviu falar. Assim, a partir de histórias que são contadas de forma afabuladora, entre as quais várias coisas espantosas e admiráveis, tudo isso é recontado pelo personagem Glauco, no nível interno da narração, e reconfigurado em prosa escrita por Platão, no nível da narrativa. Tenha-se em conta que todo o trecho referente a esse *mythos* sobre o anel de Giges é montado sintaticamente de forma que todas as ações ficam na dependência do *phasin* inicial, estando construídas a partir de infinitivos, sobretudo, e participios. Tomado esse trecho isoladamente, seria uma espécie classificada pelo esquema platônico como *diégesis* simples, no caso em prosa, correlata àquela do ditirambo, espécie essa em que aparece unicamente a figura do narrador, que narra em discurso indireto, sem passar a fala aos demais personagens. Glauco, no nível do discurso oral, e Platão, no escrito, seriam similarmente tipos de *mythológoi* em prosa.

Outro trecho, agora na fala de Adimanto, explicita melhor esse jogo entre prosa e poesia:

9 Platão, *República*, II, 359c-d. A partir de agora utilizarei a tradução de Eleazar Magalhães Teixeira para a *República*. Quanto ao emprego e função do mito em Platão, cf. PRADÉAU, 2011, p. 73-78. Os textos restantes em grego de outros autores são traduzidos por mim.

E nada mais é causa de tudo isso senão aquilo, donde justamente toda essa questão (*lógos*) provocou Glauco e a mim dizer-te, ó Sócrates: “ó admirável amigo, de todos vós que dizeis que sois panegiristas da justiça, começando pelos heróis arquétipos, cujas palavras até hoje se conservam, nenhum homem jamais censurou a injustiça nem louvou a justiça de outro modo senão pelas reputações, honras (*dóxas te kai timás*) ou dádivas delas provenientes; mas cada uma em si mesma, pelo seu próprio valor, na alma do que possui, embora não as percebam deuses e homens, ninguém jamais, **nem em poesia nem em prosa** (*ούτ’ εν ποιήσει ούτ’ εν ιδίοις λόγοις*), concluiu o suficiente, pela razão, (*tôi lógoi*), que a injustiça é o maior dos males que a alma tem em si mesma, e que a justiça é o maior bem” (Cf. TEIXEIRA, 2009, p. 48-49) και τούτων πάντων οὐδὲν ἄλλο αἴτιον ἢ ἐκεῖνο, ὅθεν περ ἅπας ὁ λόγος οὗτος ὤρμησεν καὶ τῷδε καὶ ἐμοὶ πρὸς σέ, ὦ Σώκρατες, εἰπεῖν, ὅτι “Ὡ θαυμάσιε, πάντων ὑμῶν, ὅσοι ἐπαινέται φατὲ δικαιοσύνης εἶναι, ἀπὸ τῶν ἐξ ἀρχῆς ἡρώων ἀρξάμενοι, ὅσων λόγοι λελειμμένοι, μέχρι τῶν νῦν ἀνθρώπων οὐδεὶς πώποτε ἔψεξεν ἀδικίαν οὐδ’ ἐπήνεσεν δικαιοσύνην ἄλλως ἢ δόξας τε καὶ τιμὰς καὶ δωρεὰς τὰς ἀπ’ αὐτῶν γιγνομένας· αὐτὸ δ’ ἐκάτερον τῇ αὐτοῦ δυνάμει τί δρᾷ, τῇ τοῦ ἔχοντος ψυχῇ ἐνόν, καὶ λανθάνον θεοῦς τε καὶ ἀνθρώπους, οὐδεὶς πώποτε **οὔτ’ ἐν ποιήσει οὔτ’ ἐν ἰδίοις λόγοις** ἐπεξῆλθεν ἰκανῶς τῷ λόγῳ ὡς τὸ μὲν μέγιστον κακῶν ὅσα ἴσχει ψυχῇ ἐν αὐτῇ, δικαιοσύνη δὲ μέγιστον ἀγαθόν (Platão, *República*, II, 366d-367a).

A tradução mais literal da expressão seria: nem em poesia nem em discursos particulares/privados. Pode dizer respeito, com certa probabilidade, a certos discursos em prosa, mas parece mais privilegiar uma certa contraposição entre o caráter público e publicizável da produção dos poetas e aquilo que é contado e oralizado em reuniões privadas, tal como essa que é retratada na *República*. Em certa medida, haveria uma referência, mesmo indireta, à cena enunciativa do diálogo filosófico. Nesse aspecto, essa passagem pode ser aproximada do passo anterior, 363e, em que uma expressão similar é utilizada: *ἰδίᾳ τε λεγόμενον καὶ ὑπὸ ποιητῶν*, na tradução de Maria Helena da Rocha Pereira: “uma outra forma de argumentos sobre a justiça e a injustiça, proferidos quer por leigos quer por artistas do verso” e na tradução de Eleazar Magalhães: “uma outra forma de discursos sobre a justiça e a injustiça, **narrados em prosa ou pelos poetas**”. Novamente, parece haver uma correlação comparativa entre o que é dito

no âmbito público por parte dos poetas e o que é dito no âmbito particular e pessoal¹⁰. O contexto da citação explicita o sentido intencionado, tomando como exemplo a exortação feita pelos pais aos filhos, ou seja, indica o sistema pedagógico no nível mais familiar, o que parece evocar a discussão inicial de Sócrates com Céfalos, o pai de Polemarco, no início do Livro I sobre questões afins ligadas ao proceder com justiça ou injustiça. De uma forma ou de outra, a prosa platônica parece configurar na textura do diálogo aqueles tipos de contexto discursivo que, no âmbito particular, corresponderia àquele mais publicizável e renomável dos poetas.

Há outra observação importante a fazer ao passo 366d-367e. A fala de Adimanto faz menção ao caráter encomiástico e de censura dessas espécies de discursos, além de apontar para a reputação, a fama e outros tipos de proveito como finalidades buscadas. É irresistível buscar, a partir desse tipo de critérios avaliativos, em certo sentido desvalorizados no texto platônico, uma aproximação com a argumentação de Sócrates; ele, por seu turno, vai elegê-los como categorias formais da prosa escrita que busca definir. Ao contrário do que aparece em alguns textos platônicos, Sócrates reiteradamente concebe e valoriza sua obra como uma composição em prosa escrita.

Na obra *Sobre a troca*, por exemplo, Sócrates esclarece que o caráter encomiástico difere sua prosa escrita de outras espécies de prosa. O fato de elogiar, sobretudo numa acepção panegírica de cunho político, é um parâmetro composicional, assim como o *eudokimeîn*, o ser estimado pelo corpo de cidadãos, é o que deve ser buscado como efeito precípua deste gênero de discurso. Adquirir uma boa reputação, passar de uma má *dóxa* para uma boa fama é o que objetiva a prosa isocrateana, concebida de forma inovadora a partir de uma perspectiva biográfica. Cito, inicialmente, a passagem em que tais critérios são referendados relativamente à poesia:

Primeiramente, então, é preciso vocês perceberem isso: que os diferentes **tipos de discurso (em prosa)** não são menos numerosos do que aqueles dos **poemas metrificados**. Com efeito, certos prosadores gastaram sua vida investigando as genealogias dos deuses, outros comentaram filosoficamente sobre os deuses, outros quiseram recolher e reunir as ações ocorridas nas guerras e outros mais se ocuparam do gênero relativo a perguntas e respostas, os versados no método contestativo. (...)

10 Cf. VASSALO, 2011, p. 107-108: “O discurso sobre fontes do mito “poético” levaria, então, a refletir em especial sobre a advertência platônica a narradores não institucionalizados, mas pertencentes à dimensão doméstica do educando: amas de leite e mães, as quais poderíamos acrescentar as próprias gestantes (...).”

Com efeito, existem aqueles que, sem serem desprovidos de experiência nos tipos de prosa anteriormente ditos, preferiram escrever discursos, não sobre os contratos efetuados entre vocês, mas **discursos de caráter helênico, político e panegírico**, discursos que todos diriam ser mais semelhantes àquelas **composições acompanhadas de música e ritmos** do que àqueles enunciados nos tribunais.

Πρῶτον μὲν οὖν ἐκεῖνο δεῖ μαθεῖν ὑμᾶς, ὅτι **τρόποι τῶν λόγων** εἰσὶν οὐκ ἐλάττους ἢ **τῶν μετὰ μέτρου ποιημάτων**. Οἱ μὲν γὰρ τὰ γένη τὰ τῶν ἡμιθέων ἀναζητοῦντες τὸν βίον τὸν αὐτῶν κατέτριψαν, οἱ δὲ περὶ τοὺς ποιητὰς ἐφιλοσόφησαν, ἔτεροι δὲ τὰς πράξεις τὰς ἐν τοῖς πολέμοις συναγαγεῖν ἐβουλήθησαν, ἄλλοι δὲ τινες περὶ τὰς ἐρωτήσεις καὶ τὰς ἀποκρίσεις γεγόνασιν, οὓς ἀντιλογικοὺς καλοῦσιν. (...)

Εἰσὶν γάρ τινες οἱ τῶν μὲν προειρημένων οὐκ ἀπείρως ἔχουσιν, **γράφειν** δὲ προήρηται **λόγους**, οὐ περὶ τῶν ὑμετέρων συμβολαίων, ἀλλ' Ἑλληνικοὺς καὶ πολιτικοὺς καὶ πανηγυρικοὺς, οὓς ἅπαντες ἂν φήσειαν ὁμοιοτέρους εἶναι **τοῖς μετὰ μουσικῆς καὶ ῥυθμῶν πεποιημένοις** ἢ τοῖς ἐν δίκαστηρίῳ λεγομένοις (Isócrates, *Sobre a troca*, 45-46).

Antes de comentar o trecho em questão, seria relevante e elucidativo comparar essa citação de Isócrates com um outro passo da República:

E se existem [os deuses] e se preocupam, por outro lado nós não os conhecemos ou deles não temos ouvido falar senão através da **tradição [discursos em prosa] e dos poetas** que fizeram sua genealogia.

Οὐκοῦν, εἰ μὲν μὴ εἰσὶν ἢ μηδὲν αὐτοῖς τῶν ἀνθρωπίνων μέλει, τί καὶ ἡμῖν μελητέον τοῦ λανθάνειν; εἰ δὲ εἰσὶ τε καὶ ἐπιμελοῦνται, οὐκ ἄλλοθέν τοι αὐτοὺς ἴσμεν ἢ ἀκηκόαμεν ἢ **ἔκ τε τῶν λόγων [νόμων] καὶ τῶν γενεαλογησάντων ποιητῶν** (Platão, *República*, II, 365e).

Isócrates situa seu discurso no último gênero em prosa aduzido, com correlação explícita com o gênero poético e em contraste com o gênero retórico concernente aos tribunais, lembrando o fato de que ele concebe sua atividade discursiva e pedagógica como filosofia, o que entra em concorrência direta com a prosa platônica. No âmbito da produção, por conseguinte, seus discursos mostrariam as ações através de uma elocução esteticamente apurada e diversificada; os pensamentos, segundo ele, além de moralmente convenientes, devem atestar inovação, com argumentos

surpreendentes e numerosos. Do ponto de vista da recepção, os efeitos seriam semelhantes às obras compostas em metros pelos poetas, suscitando, ademais, um prazer vinculado ao desejo dos jovens de aprenderem a se tornarem melhores e, assim, mais proveitosos para a pólis¹¹.

É em função dessa utilidade em prol da pólis que ele, Isócrates, vai se comparar e exibir sua superioridade em relação a Píndaro, qual seja, ter passado a vida produzindo discursos encomiásticos proveitosos para a pólis. No contexto platônico, é em função de uma pólis fundada no e pelo discurso, que são justapostos discursos em prosa e em poesia, no caso, como insuficientes para tratarem da questão de modo adequado¹². Em um e outro caso, de forma explícita em Isócrates, de forma indireta em Platão, alude-se a uma prosa como correlata à poesia, o que a diferenciaria de outros gêneros de discurso em prosa, aludindo-se, de um lado, a uma espécie de teorização relativa à poesia e, de outro, também à prosa a ela correlata.

As passagens em Platão, não obstante, parecem denunciar uma falta de sistematicidade no emprego dos termos de comparação, porém, sua recorrência faz perceber um certo intuito teórico subliminar de sopesar e comparar os gêneros em prosa e em poesia (Cf. ERLER, 2012, p. 81). Em Isócrates esse esforço teórico é muito mais claro e evidenciado, o que faz com que ele eleja o louvor como uma categoria definidora desse tipo de prosa: é preciso suscitar e manter a reputação através do próprio discurso, como também as ações em geral recebem seu reconhecimento e a possibilidade de rememoração através da ação ou do poeta ou do tipo de prosador que tenha fins similares, como mostra o trecho seguinte:

Mas uns [os que se tornaram famosos], creio, encontraram por sorte **poetas e fazedores de discursos** (*logopoiôn*), outros [os que ficaram anônimos] não tiveram quem os celebrassem.

Ἄλλ' οἱ μὲν, οἷμαι, **ποιητῶν** ἔτυχον καὶ **λογοποιῶν**, οἱ δ' οὐκ ἔσχον τοὺς ὑμνήσοντας (Isócrates, *Sobre a troca*, 137).

Há de esclarecer o contexto. Isócrates fala de Timóteo, que havia sido seu discípulo e, depois de uma carreira brilhante, entrou em derrocada política. Ele explica que, mesmo sendo um grande homem de Estado, apenas

11 Para discussão sobre questões políticas, educacionais e gnosiológicas em Isócrates, cf. LÓPEZ, 1985, p. 70-92; POULAKOS, 1997; SCHIAPPA, 1999, p. 162-184; PERNOT, 2000, p. 42-49. Quanto ao gênero encomiástico, cf. KENNEDY, 1958, p. 77-83.

12 Para aspectos pedagógicos e políticos em Platão, ver MOUZE, 2011, p. 179-186; SCOLNICOV, 2006.

suas ações (*práxeis*) não bastaram para mantê-lo no poder e na memória dos cidadãos. Por se contrapor àqueles versados em *logopoieîn* (136), em fazer discursos em prosa, ele caiu sob o peso das calúnias forjadas por eles. A referência direta diz respeito aos oradores da época, porém, a expressão pode ter aqui um sentido mais geral. Isócrates, por seu turno, não acha oportuno agir como *logopoios* em relação ao seu antigo discípulo, pois, em *Sobre a troca*, ele se propõe falar de si mesmo, sua ocupação, seu modo de vida e seus afazeres, sobre os quais, sim, ele vai fazer e fabricar discursos (*poiésomai toûs lógous*). Nesse tipo de prosa sobre si mesmo, eis os traços enfatizados por esse escritor: 1) o caráter encomiástico, o louvor como traço determinante; 2) ser bem considerado, adquirir boa reputação, como finalidade e efeito do discurso; 3) a tematização moral e pedagógica, em que entra toda uma reflexão sobre a *epiméleia*, o cuidado de si; 4) o tom apologético que marca esse gênero de discurso de si (o argumento da obra é uma *mímesis*/emulação do processo sofrido por Sócrates); 5) a correlação com o discurso poético¹³ se apresenta sob dois aspectos: a) a busca de uma similaridade análoga, em termos estéticos e composicionais; b) exibição de seu caráter superior em termos de utilidade para a pólis e os cidadãos.

O termo *logopoios* é utilizado por Platão em algumas obras, como no *Fedro* (257c) e no *Eutidemo* (289d), mas aqui interessa que nuance semântica ele adquire na *República*, como pode se auferir do trecho abaixo:

Porque, conforme penso, diremos então que **tanto poetas quanto prosadores** (*poietai kai logopoioi*) não falam com acerto dos homens no que concerne às coisas importantes (...); e que afirmações deste tipo proibiremos dizer, mas contrárias a estas, ordenaremos **cantar e representar em fábulas** (*áidein te kai mythologeîn*).

Ὅτι οἶμαι ἡμᾶς ἐρεῖν ὡς ἄρα καὶ ποιηταὶ καὶ λογοποιοὶ κακῶς λέγουσιν περὶ ἀνθρώπων τὰ μέγιστα, (...)· καὶ τὰ μὲν τοιαῦτα ἀπερεῖν λέγειν, τὰ δ' ἐναντία τούτων προστάξειν ἄδειν τε καὶ μυθολογεῖν (Platão, *República*, III, 392a-b).

No contexto discursivo do livro III, o que é reiteradamente assinalado pelo narrador Sócrates, assim como pelos demais personagens, concernente à *paideia* dos guardiães, é, a princípio, o que deve ser ouvido (*akoustéon*) relativamente ao que deve ser dito ou narrado (*lektéon*)¹⁴ e ao que deve ser composto e fabricado poeticamente (*poietéon*). Se o alvo da censura diz

13 Para a relação de Isócrates com a poesia e a tradição poética, cf. PAPIILLON, 2001, 2007, 2012.

14 Sobre as relações entre o dizível e o audível na *República*, cf. VASSALO, 2011, p. 99-114.

respeito ao circuito educacional, além das figuras ligadas ao *oikos*, como o pedagogo, a ama e os pais, o termo *logopoiós* pode remeter aos retóricos e sofistas, a exemplo da indicação de Isócrates. Há, na citação acima, a crítica ao tipo de narrativa contada por Glauco (sobre o anel de Gíges), o qual apareceria como um autêntico *logopoiós*. Ademais, o passo é importante por fazer essa vinculação em que a ação de *aídein* dos poetas corresponderia a ação de *mythologeîn* dos prosadores/fazedores de discursos¹⁵.

Entretanto, a utilização desses termos não é nem homogênea, nem explicitamente mostrada num sistema coerente. *Mythologeîn* é tanto usado para referenciar restrita e comparativamente a ação de prosadores (dos variados gêneros), como também para indicar a composição afabuladora de poetas e prosadores indistintamente. Ao contrário do que acontece em Isócrates, na *República*, os gêneros do discurso são pensados numa ambiência, a princípio, vocalizada, e não no registro escrito. Em 379a, o personagem Sócrates chega a declarar que não convém a ele compor poeticamente narrativas fabulosas (*poietéon mythous*), o que não lhe impede de contar no livro X o mito de Er. Todavia, no sentido estrito da expressão, não seria incoerente, pois ele o compõe no registro da prosa e não poeticamente, como explicitado no passo seguinte:

E eu repliquei: Ó Adimanto, no momento **não somos poetas**, nem eu nem tu, mas fundadores da cidade. Ora, aos fundadores compete conhecer os modelos, de acordo com os quais **os poetas devem compor histórias**; se as fizerem contra os modelos, não se deve confiar a eles. Com certeza, a nós mesmos pelo menos não compete **compor [de modo poético] fábulas**.

Καὶ ἐγὼ εἶπον· ὦ Ἀδείμαντε, οὐκ ἐσμὲν ποιηταὶ ἐγὼ τε καὶ σὺ ἐν τῷ παρόντι, ἀλλ' οἰκισταὶ πόλεως· οἰκισταῖς δὲ τοὺς μὲν τύπους προσήκει εἰδέναι ἐν οἷς δεῖ μυθολογεῖν τοὺς ποιητάς, παρ' οὓς ἂν ποιῶσιν οὐκ ἐπιτρεπτέον, οὐ μὴν αὐτοῖς γε ποιητέον μύθους (Platão, *República*, II, 378e-379a).

O que transparece aqui (e que é bem mais explícito em *As Leis*) é o caráter de crítica ao discurso poético (e, em certa medida, de teoria) que a prosa platônica assume. Os *typoi*, critérios a ser seguidos, dizem respeito,

15 Segundo Vassalo haveria uma metodologia dupla, em que uma certa contraposição se manifestaria entre a perspectiva racional e argumentativa do *lógos* face a uma estratégia mítico-pedagógica relativa ao *mythos*, estando ambas, a metodologia narrativa do *mythos* e a educativa do *lógos*, estreitamente vinculadas segundo um programa educacional em etapas (cf. VASSALO, 2011, p. 107).

em primeiro plano, à poesia, mas também, em função do que foi argumentado, a diversas espécies ou registros de prosa. A fim de oferecer um dimensionamento mais acurado da questão, apresento dois quadros de outros passos relevantes; no primeiro, a questão está posta de modo difuso e indistinto, podendo remeter ao registro poético ou da prosa; no segundo, ou a correlação entre prosa e poesia é indicada, em maior ou menor medida, em termos comparativos ou a questão de um discurso em prosa, a ser composto ou avaliado, está explicitada:

Quadro 1:

1) 376d-e: Vamos então, como se compuséssemos histórias em forma de um mito (em mythoi mythologountes) e dispuséssemos de tempo, eduquemos os homens pela palavra.
2) 377b: Permitiremos então sem muita reflexão que as crianças ouçam quaisquer fábulas modeladas (mythous plasthéntas)? (...). Assim, primeiro, ao que parece, devemos vigiar os que inventam [fábricas] fábulas (tois mythopoióis) (...).
3) 378c: Não se deve absolutamente contar-lhes [de modo fabuloso] histórias de combates de gigantes ou representá-las em tapeçarias (mythologetéon autoís kai poikiltéon) (...).
4) 378d: (...) deve-se obrigar os poetas a inventar histórias [fabulosas] mais ou menos desse tipo (toús poietàs (...) logopoieín).
5) 392a: Resta-nos ainda alguma forma de discursos (eídos lógon) para nós que estamos definindo quais devem e quais não devem ser ditos (te lektéon kai mé;)?
6) 394c: (...) que a respeito de poesia e ficção [afabulação] (tês poiéseos te kai mythologías), a tragédia e a comédia como dizes, se fazem totalmente por imitação (diá miméseos) (...).
7) 396c: (...) há uma forma de estilo e narrativa (léxeos te kai diegéseos) através da qual narraria (diegoíto) o homem que na realidade é bom e bem educado, quando lhe competisse expressar (légein) algo (...).
8) 398a-b: (...) nos familiarizemos com um poeta e contador de fábulas (mythológoi) mais rigoroso e menos agradável, tendo em vista a utilidade (...). É bem possível que tenhamos terminado por completo a parte da música no que concerne a discursos e fábulas (lógous te kai mythous) (...).

1) 376d-e: Ἴθι οὖν, ὥσπερ ἐν μύθῳ μυθολογοῦντές τε καὶ σχολῆν ἄγοντες λόγῳ παιδεύωμεν τοὺς ἀνδράς.
2) 377b: Ἄρ' οὖν ῥαδίως οὕτω παρήσομεν τοὺς ἐπιτυχόντας ὑπὸ τῶν ἐπιτυχόντων μύθους πλασθέντας ἀκούειν τοὺς παῖδας (...). Πρῶτον δὴ ἡμῖν, ὡς ἔοικεν, ἐπιστατητέον τοῖς μυθοποιοῖς (...).
3) 378c: πολλοῦ δεῖ γιγαντομαχίας τε μυθολογητέον αὐτοῖς καὶ ποικιλτέον (...).
4) 378d: (...) τοὺς ποιητὰς ἐγγὺς τούτων ἀναγκαστέον λογοποιεῖν.

5) 392a: Τί οὖν, ἦν δ' ἐγώ, ἡμῖν ἔτι λοιπὸν εἶδος λόγων πέρι ὀρίζομενοις οἴους τε λεκτέον καὶ μή;
6) 394c: (...) ὅτι τῆς ποιήσεώς τε καὶ μυθολογίας ἡ μὲν διὰ μιμησεως ὄλη ἐστίν, ὡσπερ σὺ λέγεις, τραγωδία τε καὶ κωμωδία (...).
7) 396c: (...) ἔστιν τι εἶδος λέξεώς τε καὶ διηγήσεως ἐν ᾧ ἂν διηγοῖτο ὁ τῶ ὄντι καλὸς κάγαθος, ὅποτε τι δέοι αὐτὸν λέγειν (...).
8) 398a-b: (...) αὐτοὶ δ' ἂν τῶ αὐστηροτέρῳ καὶ ἀηδεστερῷ ποιητῇ χρώμεθα καὶ μυθολόγῳ ὠφελίας ἕνεκα (...).
(...) κινδυνεύει ἡμῖν τῆς μουσικῆς τὸ περὶ λόγους τε καὶ μύθους παντελῶς διαπεπεράνθαι (...).

Quadro 2:

1) 380b-c: (...) mas dizer que Deus, que é bom, é causa de males para alguém, a isso devemos nos opor de qualquer modo, quer alguém diga isso na sua própria cidade (...), quer ouça alguém dizer, seja ele jovem ou velho, quer narre fábulas em verso ou em prosa (μετ' ἐν μέτροι μέτε ἄνευ μέτρου mythologounta).
2) 380c: Então, disse eu, essa seria uma das leis e dos modelos relativo aos deuses, de acordo com a qual será necessário que os que falam façam seus discursos ou os poetas representem suas ficções (τοὺς λέγοντας λέγειν καὶ τοὺς ποιοῦντας ποιεῖν) (...).
3) 387c: E na prosa e na poesia (lektéon te kai poiétéon) não se deve criar um modelo contrário a esses?
4) 390a: E quantas outras afrontas que têm sido ditas por homens insolentes para seus chefes através da prosa e da poesia (ἐν λόγῳ ἐν ποιήσει)?
5) 393b: E seria mais ou menos assim; mas explicarei em prosa (ἄνευ μέτρου), pois não sou poeta [do tipo que compõe poesia] (poietikós)?
6) 397c: Então todos os poetas e os que narram algo (hoi poietai kai hoi ti legontes) não atingem seu objetivo, ou com o primeiro destes modelos de expressão (typoi tes léxeos), ou com o segundo, ou com ambos, quando, misturado um ao outro?.
7) 415a: (...) no entanto ouve também o resto da fábula. É que todos vós que habitais na cidade sois irmãos como diremos para eles contando a fábula (mythologountes) (...).
8) 607d-e: E permitiríamos também, pelo menos aos seus defensores, que não sendo poetas, mas fossem amigos da poesia (philopoietai), que fizessem um discurso em sua defesa, contanto que em prosa [em discurso sem metro] (ἄνευ μέτρου λόγον hypèr autês légein), demonstrando que ela não é só agradável, mas útil aos regimes políticos e à vida humana, e o ouviríamos com boa vontade.

1) 380b-c: (...) κακῶν δὲ αἴτιον φάναι θεόν τινη γίγνεσθαι ἀγαθὸν ὄντα, διαμαχετέον παντὶ τρόπῳ μήτε τινα λέγειν ταῦτα ἐν τῇ αὐτοῦ πόλει (...), μήτε τινα ἀκούειν, μήτε νεώτερον μήτε πρεσβύτερον, μήτ' ἐν μέτρῳ μήτε ἄνευ μέτρου μυθολογοῦντα (...)
--

2) 380c: Οὗτος μὲν τοίνυν, ἦν δ' ἐγώ, εἷς ἂν εἴη τῶν περὶ θεοῦς νόμων τε καὶ τύπων, ἐν ᾧ δεήσει τοὺς τε λέγοντας λέγειν καὶ τοὺς ποιῶντας ποιεῖν (...).
3) 387c: Τὸν δὲ ἐναντίον τύπον τούτοις λεκτέον τε καὶ ποιητέον;
4) 390a: καὶ ὅσα ἄλλα τις ἐν λόγῳ ἢ ἐν ποιήσει εἴρηκε νεανιεύματα ἰδιωτῶν εἰς ἄρχοντας;
5) 393b: εἶχε δ' ἂν ὧδε πως – φράσω δὲ ἄνευ μέτρου· οὐ γάρ εἰμι ποιητικός –
6) 397c: Ἀρ' οὖν πάντες οἱ ποιηταὶ καὶ οἱ τι λέγοντες ἢ τῷ ἑτέρῳ τούτων ἐπιτυχάνουσι τὴν τύπῳ τῆς λέξεως ἢ τῷ ἑτέρῳ ἢ ἕξ ἀμφοτέρων τινὶ συγκεραννύντες;
7) 415a: (...) ἀλλ' ὅμως ἄκουε καὶ τὸ λοιπὸν τοῦ μύθου. ἐστὲ μὲν γὰρ δὴ πάντες οἱ ἐν τῇ πόλει ἀδελφοί, ὡς φήσομεν πρὸς αὐτοὺς μυθολογοῦντες (...).
8) 607d-e: Δοῖμεν δὲ γέ που ἂν καὶ τοῖς προστάταις αὐτῆς, ὅσοι μὴ ποιητικοί, φιλοποιηταὶ δέ, ἄνευ μέτρου λόγον ὑπὲρ αὐτῆς εἰπεῖν, ὡς οὐ μόνον ἠδεῖα ἀλλὰ καὶ ὠφελίμη πρὸς τὰς πολιτείας καὶ τὸν βίον τὸν ἀνθρώπινόν ἐστιν· καὶ εὐμενῶς ἀκουσόμεθα. κερδανοῦμεν γάρ που ἐὰν μὴ μόνον ἠδεῖα φανῇ ἀλλὰ καὶ ὠφελίμη.

Não é possível aqui, tirar conclusões sobre todas as nuances e aspectos advindos desses trechos e exemplos arrolados; restrinjo-me aqui a algumas notas pontuais. Em função desses dois quadros e dos outros passos anteriormente analisados, conclui-se que não há, a princípio, uma nomenclatura padrão e sistemática para se referir a (ou mesmo teorizar sobre) discursos em prosa, porém, a correlação entre os registros poético e de prosa é reiteradamente retomada no texto platônico sob variados aspectos, o que parece indicar uma reflexão não apenas sobre os gêneros poéticos, mas também, quase de forma velada¹⁶, sobre os vários gêneros de prosa e, em certa medida, sobre a própria prosa platônica.

Por um lado, a comparação com a reflexão de Isócrates ilumina, de certo modo, o que haveria de velado na abordagem platônica; no entanto, uma argumentação mais plenamente demonstrativa do que foi argumentado viria apenas a partir da análise do contexto discursivo de *As Leis*, cuja discussão fugiria ao escopo de um trabalho como esse. Aduzo, para enriquecer o quadro comparativo, mais uma expressão utilizada por Isócrates em sua obra *A Nícocles*, em que ele correlaciona poemas feitos com metros a composições escritas em prosa e emprega uma palavra específica para prosa, *katalogáden*:

Se então tal oferecimento, uma vez confeccionado, será digno do assunto, é difícil saber desde o início; com efeito,

16 Quanto ao caráter de ocultamento e reserva nos diálogos platônicos, cf. SZLEZÁK, 1997, p. 28-43.

muitas **das composições poéticas com metro e das composições escritas em prosa** (*tôn metὰ métrou poiemáton kai tôn katalogáden syngrammáton*), ainda estando no pensamento dos compositores, proporcionavam grandes expectativas, mas, uma vez terminadas e apresentadas aos outros, alcançaram uma reputação bem inferior ao que se esperava. Εἰ μὲν οὖν ἔσται τὸ δῶρον ἐξεργασθὲν ἄξιον τῆς ὑποθέσεως, χαλεπὸν ἀπὸ τῆς ἀρχῆς συνιδεῖν· πολλὰ γὰρ καὶ τῶν μετὰ μέτρου ποιημάτων καὶ τῶν καταλογάδην συγγραμμάτων ἔτι μὲν ἐν ταῖς διανοίαις ὄντα τῶν συντιθέντων μεγάλας τὰς προσδοκίας παρέσχευ, ἐπιτελεσθέντα δὲ καὶ τοῖς ἄλλοις ἐπιδειχθέντα πολὺ καταδεεστέραν τὴν δόξαν τῆς ἐλπίδος ἔλαβεν (Isócrates, *A Nícoles*, 7).¹⁷

Ele enfatiza novamente o registro escrito das composições em prosa, deixando claro que elas são concebidas, primeiramente, por poetas e prosadores no nível do pensamento, depois realizadas em suas configurações próprias e mostradas, a seguir, ao público. Por conseguinte, o que aparece de forma indireta e quase simulada no texto platônico da República, embora recorrente, recebe uma valorização extrema e uma certa teorização em vários textos de Isócrates, a saber, uma teorização sobre prosa, no caso, sempre concernente a temas políticos e moralizantes e às expensas e correlativamente ao discurso poético.

Luciano, por outro lado, retoma e refigura, como foi visto na primeira parte, essa teorização sobre prosa, segundo os aspectos anteriormente assinalados. Embora o enfoque e a forma de argumentação em cada um dos autores sejam distintos, o diálogo platônico, por sua vez, tal como as se-reias de Homero, é, para Luciano, capaz de encantar, seduzir, impressionar e afetar intensamente leitores e ouvintes com um *páthos*, por assim dizer, literário!

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES, *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 2a. Ed. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

_____. *Retórica*. Edición del texto con aparato crítico, traducción, prólogo y notas por Antonio Tovar. Madrid: Instituto de Estudios Politicos, 1953.

¹⁷ Cf. também em *A Nícoles*, 42 a contraposição entre τῶν ποιημάτων x τῶν συγγραμμάτων.

- BELO, Fernando. *Leituras de Aristóteles e de Nietzsche: A Poética Sobre a Verdade e a Mentira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Narrativa e mimese no romance grego: o narrador, o narrado e a narração num gênero pós-antigo*, Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- _____. *A Poética do Hipocentauro. Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.
- _____. A poesia como diegese: a propósito de República 392d. *Organon*, Porto Alegre, no. 49, p. 31-58, julho-dezembro 2010.
- BRANHAM, R. Bracht. *Unruly Eloquence, Lucian and the comedy of Traditions*. Cambridge, London: Harvard University Press, 1989.
- ERLER, Michael. *Platão*. Trad. Enio Paulo Giachini. São Paulo: Annablume Clássica; Ed. UnB, 2012 (Coleção Archai: as origens do pensamento ocidental).
- IPIRANGA JÚNIOR, P., STEPHAN, C., BUSE, Priscila. Carta a Nigrino. IN: Luciano de Samósata. Biografia literária. Organização Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 40-54.
- ISOCRATE. *Discours*. Tome II (Panégyrique – Plataïque – A Nicoclés – Nicoclés – Evagoras – Archidamas). Texte établi et traduit par George Mathieu et Émile Brémond. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- ISOCRATES. *Discourses*. On the Peace, Aeropagiticus, Against the Sophists, Antidosis, Panathenaicus (V. II). Translation by George Norlin. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1992.
- JONES, C. P. *Culture and Society In Lucian*: Harvard University Press. Cambridge/Massachusetts. London, England, 1986.
- KENNEDY, G. A. "Isocrates' Encomium of Helen: A Panhellenic Document." IN: *Transactions of the American Philological Association*, 89, p. 77-83, 1958.
- LÓPEZ, Silvia Aquino. Isocrates Logografo y Educador. IN: Cuadernos de Filosofía y Letras, n. 4, México, p. 70-92, 1985.
- LUCIAN. *Lucian with an English Translation*. Translation by A. M. Harmon. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1996 (v.I), 1988 (v.II), 1969 (v.III), 1992 (v. IV), 1996 (v. V), 1990 (v. VI).
- LUCIANO. *Obras*. Traducción y notas por J. Alsina (vol I) y J. L. N. González (vol. II).. Madrid: Editorial Gredos, 1981 (vol. I); 1988 (vol. II).
- _____. *Obras* (vol. III). Traducción y notas por Juan Zaragoza Botella. Madrid: Editorial Gredos, 1990.
- LUCIEN. *Oeuvres*. Introdução de J. Bompaire. CUF. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

- MOUZE, Letícia. Educar o humano no homem: a obra estética e política do filósofo. IN: FROTERTTA, Francesco & BRISSON, Luc (orgs.). *Platão: Leituras*. Trad. João Carlos Nogueira; rev. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 179-186-78.
- PAPILLON, Terry L. Isocrates. IN: WORTHINGTON, Ian. (Ed.). *A companion to Greek rhetoric*. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell Publishing, 2007, p. 58-74.
- PAPILLON, Terry L. Rhetoric, Art, and Myth: Isocrates and Busiris. IN: WOOTEN, Cecil W. (Ed.). *The Orator in Action and Theory in Greece and Rome*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2001, p. 73-96.
- PAPILLON, Terry L., Isocrates and the Greek Poetic Tradition. *Scholium* 7, 1998, p. 41-61. URL: <<http://www.otago.ac.nz/classics/scholiagfx/v07p041-061.pdf>>, acessado em 08 de setembro de 2012.
- PERETTI, A. *Luciano: un intellettuale greco contro Roma*. Firenze: La Nuova Vita, 1946.
- PLATON. *Fedro*. Edición Bilingüe, traducción, notas y estudio preliminar por Luis Gil Fernandez. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1970.
- _____. *Gorgias*. Texto Griego, Traducción y notas de Julio Calonge Ruiz. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1951.
- _____. *Las Leyes*. Edición Bilingüe, traducción, notas y estudio preliminar por José Manuel Pabon y Manuel Fernandez-Galiano. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1960 (Tomos I e II).
- _____. *Obras Completas de Platón: Hípias Mayor, Fedro*. Versión directa, introducciones y notas por el Dr. Juan David García Bacca. México: Un. Nacional Autónoma de México, 1945.
- PLATÃO. *Diálogos: Apologia de Sócrates-Critão-Menão-Hípias Maior e outros*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Un. Federal do Pará, 1980.
- _____. *Diálogos - Vol XI: Timeu-Critias - o Segundo Alcibiades - Hípias Menor*. Tr. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Un. Fed. Pará, 1977
- _____. *A República*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1990.
- PLATÃO. *A República*. Tradução, introdução e notas de Eleazar Magalhães Teixeira. Fortaleza: Edições UFC, Banco do Nordeste, 2009.
- PLATON. *Las Leyes*. Edición Bilingüe, traducción, notas y estudio preliminar por José Manuel Pabon y Manuel Fernandez-Galiano. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, (Tomos I e II), 1960.
- PERNOT, Laurent. *La Rhetorique dans l'Antiquité*. Paris: Librairie Générale Française, 2000.
- POULAKOS, Takis. *Speaking for the Polis: Isocrates' Rhetorical Education*. Columbia: University of South Carolina Press, 1997.

- PRADEAU, Jean-François. O bom uso do discurso falso: os mitos. IN: FROTTEROTTA, Francesco & BRISSON, Luc (orgs.). *Platão: Leituras*. Trad. João Carlos Nogueira; rev. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 73-78.
- SCHIAPPA, Edward. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven&London: Yale University Press, 1999.
- SCOLNICOV, Samuel. *Platão e o Problema Educacional*. São Paulo: Edições Loyola, v.
- SZLEZÁK, Thomas. *Leer a Platón*. Versión española de José Luis García Rúa. Madrid: Alianza Editorial, 1997.
- TEIXEIRA, Eleazar Magalhães. IN: PLATÃO. *A República*. Tradução, introdução e notas de Eleazar Magalhães Teixeira. Fortaleza: Edições UFC, Banco do Nordeste, 2009.
- VASSALO, Christian. O dizível e o audível no Livro II da *República*. Fontes, estratégias dialógicas, antropologia estética. IN: XAVIER, Dennys Garcia & CORNELLI, Gabriele (orgs.). *A República de Platão: Outros olhares*. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 99-114.

Recebido em: 31/10/2015. Aceito em: 01/03/2015.